

Proposta Interdisciplinar de Ensino de Educação Patrimonial e Arqueologia no Ensino Fundamental¹

André Luis R. Soares²

Introdução

Este artigo é o resultado de uma experiência de implantação de um projeto de Educação Patrimonial através da arqueologia. Utilizando-se da fascinação que esta disciplina desperta nas crianças e nos adolescentes, adotamos a prática arqueológica para a implementação de uma valorização do passado pré-histórico e da cultura material das sociedades pretéritas e presentes. A arqueologia foi trabalhada pelas distintas disciplinas envolvidas, a saber, História, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Informática e Artes, no qual diferentes temas, conceitos e aplicações foram utilizados para o ensino das respectivas matérias. Ainda, neste trabalho propomos a inserção da Educação Patrimonial nos currículos escolares, de forma que, independente dos conteúdos, temas que dizem respeito a valorização da memória, a conservação dos bens culturais e a construção da identidade regional podem ser incluídos na grade curricular sem prejuízo dos conteúdos e, ao contrário, tornando contemporâneos os assuntos a serem propostos. O Colégio Objetivo foi o palco desta ação interdisciplinar, e os alunos da 5ª série do ensino fundamental os atores e autores das atividades.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA: A PROPOSTA

Nossa proposta de projeto de extensão consiste em atender uma lacuna importante quanto ao Ensino Fundamental (EF), qual seja a educação patrimonial, através de uma prática simulada em Arqueologia. Embora possa parecer distante o ensino de Arqueologia para crianças e adolescentes, na verdade podemos observar que a educação nos níveis fundamental e médio produzem mais efeito a médio e longo prazo que os programas paliativos de educação patrimonial, quase desconhecido da população não acadêmica.

Desta forma, o conhecimento popular imortaliza como Patrimônio Histórico os monumentos e estruturas arquitetônicas monumentais sem se aperceberem do Patrimônio Cultural de sua própria cidade. É importante esclarecer os conceitos mais utilizados de patrimônio para que possamos levar uma nova abordagem, no entendimento dos níveis

¹ Trabalho apresentado no X Jornada de Ensino de História e Educação: Brasil Tempo Presente: os desafios do ensino de História.

² Mestre em História (PUCRS), doutorando em Arqueologia (MAE/USP), professor do Dep. Metodologia de Ensino, Centro de Educação, UFSM.

fundamental e médio, quanto ao quê corresponde o Patrimônio de um povo ou de uma cidade.

O patrimônio Cultural envolve os bens naturais e culturais, mas também podemos incluir os bens de ordem intelectual e emocional (Ataídes, Machado e Souza, 1997), de maneira que não só a natureza que envolve o ser humano, mas suas obras e manifestações cívicas, religiosas e folclóricas formam uma identidade cultural a ser preservada.

Fugindo à noção de edificações (como prédios) ou a natureza (como vales e rios), objetivamos incentivar uma nova perspectiva de ensino quanto aos aspectos culturais que compreendem o Patrimônio e sua importância. Em se tratando do EF, o conteúdo de História passa de forma muito breve pelos métodos de resgate de documentos, privilegiando-se a documentação escrita em detrimento dos documentos materiais, origem do termo pré-história que persiste nas escolas.

Neste sentido, os alunos não têm acesso às práticas, métodos e interpretações que a Arqueologia possibilita, tendo uma visão fantasiosa a respeito desta ciência. Desconhecendo as técnicas e variedades que existem nesta profissão, resumem a Arqueologia à “Caça aos Tesouros”, à busca do monumental ou ao personagem Indiana Jones, talvez o mais imortal dos arqueólogos.

Além disso, a construção de novos conceitos para a preservação do Patrimônio histórico e artístico passa por uma conscientização dos alunos do EF, sobre qual a importância do passado para a construção do presente, apresentando uma nova dimensão da pessoa como participante da História. A postura arcaizante, que reproduz a história ao invés de criá-la, transforma o indivíduo em passivo frente à construção da História, esquecendo a importância da memória como aspecto cultural importante e democrático na formação da sociedade.

Em nosso estudo de caso, o Colégio Objetivo (Santa Maria-RS), permitiu a implantação de um programa de Educação Patrimonial através da prática simulada em Arqueologia. Esta atividade representou uma aproximação entre os professores e a comunidade escolar, além de levar uma nova abordagem de patrimônio e cultura, que apresentou a importância das sociedades pretéritas. Também esta atividade poderia abrir um canal de comunicação e informações a respeito da localização de novos sítios arqueológicos, que é uma etapa cara e demorada na arqueologia. Isto porque alguns alunos, proprietários ou oriundos de áreas rurais, já tiveram contato com o material, sem que fosse dada importância ou promovida a pesquisa sobre os locais. Este diálogo levaria ao conhecimento da Universidade as urgências e

a demanda de pesquisa arqueológica no município e arredores, acrescentando assim um maior retorno à comunidade das atividades acadêmicas.

Neste sentido, a Universidade possibilitaria a formação de jovens conhecedores de uma nova perspectiva em Arqueologia, uma vez que esta ciência, para o senso comum, se resume ao Oriente Médio, América do Norte ou outros lugares diferentes do Brasil, enquanto é realizada desde pelo menos 1880 em nosso país.

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA

Trabalhos específicos sobre Educação Patrimonial e Arqueologia têm sido realizados de forma assistemática através do Programa Integrado de Valorização das Missões Jesuíticas (PIV) patrocinados por uma ação conjunta entre o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as escolas dos municípios de São Miguel das Missões, Entre-Ijuís e arredores. Através da ação de uma equipe multidisciplinar envolvendo arqueólogos, arquitetos, engenheiros florestais e outros, os alunos das escolas participam de cursos, palestras e atividades práticas de escavação e laboratório de arqueologia. No entanto, a frequência do PIV (anual) remete a um trabalho sem continuidade antes ou depois do trabalho de campo, deixando assim a impressão de que a localização, a conservação e a preservação do patrimônio restringem-se ao andamento do PIV.

Outras propostas inovadoras foram desenvolvidas pelo Museu José Joaquim Felizardo³ que, sob a coordenação da arqueóloga Fernanda Bordin Tochetto, realizou escavações no pátio do Museu com a participação de alunos do Ensino Médio de escolas estaduais. As atividades se concentraram na valorização da cultura material, seu significado e importância para a Arqueologia, as possibilidades de informações que os artefatos possibilitam, entre outras coisas, que culminou na escavação e etapas do laboratório. Infelizmente o projeto não prosseguiu por motivos vários.

O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) da UFSM criou o projeto “Arqueólogo por 1 dia”, que consistia em escolher uma escola da rede pública onde houvesse o interesse manifesto por parte da direção e corpo docente e discente para desenvolver um projeto de educação patrimonial. Na experiência do LEPA foi escolhida a Escola estadual Rômulo Zanchi. O trabalho desenvolveu-se junto com o professor da área de Estudos Sociais e com alunos da sexta série. O processo teve várias etapas:

1. discutir com o professor da área e com a supervisão os detalhes do projeto;
2. escolha de uma turma para o desenvolvimento do projeto e alunos voluntários para o projeto;
3. Após a escolha dos voluntários ocorreu uma preparação teórica com vídeos e palestras;
4. preparação do terreno onde seria simulado o sítio arqueológico (sem a presença dos alunos) somente com o professor da área e os monitores do curso de História;
5. o treinamento para utilização do material de escavação e a escavação do sítio montado;
6. a lavagem do material e a remontagem de vasos de cerâmica foram as etapas de laboratório;
7. os alunos apresentaram um relatório por escrito das suas atividades.
8. o professor da área na escola discutiu com os alunos os relatórios e a experiência.

Esse tipo de atividade já foi desenvolvido por duas vezes em escolas públicas de Santa Maria e a sua continuidade seria fundamental para criação de uma consciência patrimonial local e regional. No entanto, cabe salientar que estas iniciativas não previram uma continuidade a médio ou longo prazo, tratando-se sempre de propostas isoladas que não consideravam a limitação de uma única atividade no período curricular do Ensino Fundamental e Médio (EFeM), caracterizando-se, assim, mais como uma experiência-piloto do que um projeto contínuo.

Em áreas de projetos arqueológicos de longa duração existem experiências no exterior que demonstram a possibilidade social, educativa e patrimonial do envolvimento de alunos do EFeM e mesmo de amadores para a realização de atividades arqueológicas (Pilles, 1994:57-68).

Neste sentido, a proposta de um programa, a médio e longo prazo, tornará a Educação Patrimonial parte do conteúdo assim como hoje temos ecologia e propostas de educação ambiental nas escolas do EFeM.

OS OBJETIVOS DO PROJETO

O objetivo deste projeto foi levar aos estudantes do Ensino Fundamental uma proposta de educação patrimonial, através da conscientização do papel de cada indivíduo como formador-perpetuador da memória e do patrimônio cultural de sua sociedade, além de apresentar e iniciar os estudantes na conservação dos bens culturais através da simulação de uma prática arqueológica.

³ Também conhecido como Museu de Porto Alegre, sito a rua João Alfredo, 587, Porto Alegre.

Considerando que este foi um projeto de curta duração (que pode ser ampliado), colocamos em ordem os diversos objetivos a serem alcançados:

1. Apresentar na escola, através da disciplina da História, o conceito de patrimônio e a importância dos sítios arqueológicos como bem cultural; a importância da identidade cultural e da memória; as formas como a identidade de um povo pode ser visualizada, a cultura material;
2. Apresentar para os alunos a disciplina da arqueologia; o que é; o que faz; a arqueologia no Brasil e no Estado do RS; sua importância para a preservação da memória e do patrimônio; demonstrar a realidade de uma profissão quase desconhecida no Brasil, com vasto campo de atuação em Museus, Universidades, Instituições de Pesquisa e Ambientais;
3. Divulgar, esclarecer e exemplificar o trabalho do arqueólogo: a construção do passado, o re-escrever da História; a desmistificação da disciplina, apresentando o universo material como fonte de pesquisa além dos livros ou dos arquivos, estimulando atividades em campo e em laboratório.
4. Fornecer condições para que os alunos participassem de uma atividade simulada de arqueologia, desenvolvida na escola, com as etapas de problematização, escavação, controle e registro do material e análise de laboratório;
5. Apresentar o trabalho desenvolvido com os alunos à totalidade da Escola, através de uma exposição do material escavado, da reconstrução hipotética das sociedades no passado e de palestras com os pais dos alunos envolvidos.

Está claro que estes objetivos vão sendo realizados à medida que as etapas vão sendo consolidadas na etapa anterior: desta forma se prevê que somente a partir da completa execução do objetivo 1 se passará ao objetivo 2, e assim por diante.

Em longo prazo, pode-se estender o projeto à totalidade das turmas que freqüentam a escola, de maneira que os estudantes que permanecerem no projeto possam multiplicar as idéias de conservação de patrimônio na comunidade ao qual pertence.

A INTERDISCIPLINARIEDADE: A RELAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E AS OUTRAS DISCIPLINAS

Este projeto foi desenvolvido sobre uma base interdisciplinar. Desta forma, deve-se ressaltar a forma como este processo foi levado a cabo. Em primeiro lugar, foi proposta para a direção do Colégio Objetivo a implementação deste projeto, envolvendo os professores que se interessassem por sua implementação. Assim, em uma primeira reunião, foi realizada uma

explicação sobre uma atividade semelhante desenvolvida no município de São Martinho da Serra (Soares, 2003), que, no entanto, não tinha caráter interdisciplinar.

Os professores interessados (das áreas citadas anteriormente), utilizaram-se das atividades em arqueologia para o desenvolvimento de suas disciplinas, dentro do currículo normal da escola, lecionando, assim, seus conteúdos. Como exemplo podemos citar as atividades desenvolvidas na disciplina de História (através do conhecimento dos povos que habitaram o Estado do RS no passado), Língua Portuguesa (compreensão e elaboração de textos, confecção de relatórios), Matemática (cálculos de áreas, coordenadas cartesianas, representação de formas, frações), Geografia (posicionamento em relação a pontos cardeais, descrição do relevo e da vegetação), Informática (conhecimento de programas para gráficos de dispersão de peças, estatística, programas de desenhos) e Artes (construção de maquetes com as atividades do arqueólogo, reconstituição de aldeias pré-coloniais, agrupamentos urbanos antigos), que serão apresentados em outros capítulos pelos professores e na conclusão.

DESENVOLVIMENTO

Este projeto foi desenvolvido por professores que lecionam no Colégio Objetivo, tendo suas cargas horárias distribuídas também em outras escolas. Desta forma, não era uma atividade exclusiva do corpo docente, mas que foi assumido como um projeto paralelo e alternativo para a motivação dos alunos e ampliação do conhecimento de mestres e alunos sobre as temáticas tratadas.

Inicialmente foram realizadas palestras para os docentes, mostrando os projetos já desenvolvidos em outros lugares, sua aplicação e os resultados obtidos. A partir disto, iniciou-se um trabalho integrado com o professor de História da escola, através de palestras com os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental. Nestas palestras foi utilizado material audiovisual, buscando um diálogo constante com os alunos a respeito de cada tema: - o que eles entendem por patrimônio, por identidade cultural, memória, etc. O mesmo é feito em relação à arqueologia.

Nesta primeira etapa foram utilizados vídeos⁴ didáticos que apresentam estes conceitos, de forma simples, que podem ser explorados de diferentes formas pelos professores na re-elaboração dos conceitos. Nesta etapa os alunos tiveram várias atividades. Aprenderam a reconhecer os diferentes tipos de material arqueológico (lítico, cerâmico, ósseo, conchífero, louça, metal, matéria orgânica, estruturas arquitetônicas, etc), suas variações segundo o período histórico que representam, a cultura ao qual pertencem, os ambientes na qual estão inseridos, etc. Esta etapa foi trabalhada em duas semanas (dois encontros), com duração de uma hora ou uma hora e trinta minutos, de acordo com o grau de envolvimento do grupo.

Os professores ainda tinham a disposição um vídeo (com uma experiência semelhante realizada no Rio de Janeiro) e um texto sobre arqueologia, educação patrimonial e patrimônio, desenvolvido especialmente para professores, com o intuito de inserir estas atividades na grade curricular (de nossa autoria). Assim, embora os professores não conhecessem a disciplina 'arqueologia', tiveram contato com a mesma através de textos e vídeo que ilustravam a proposta a ser implementada.

A etapa seguinte consistiu na prática dos alunos em trabalho de campo, através da participação de uma escavação arqueológica, desde o seu planejamento até a análise do material no laboratório. A simulação foi realizada em quatro trincheiras, preparadas previamente, com dimensões que variaram de 1x2 metros até 1x3 metros (de 2m² a 3 m²).

As trincheiras foram escavadas em quinze centímetros de profundidade, afim de que a escavação pudesse ser explicada em todas suas implicações: a retirada de níveis de sedimento os mais finos possíveis, a inserção plani-altimétrica dos objetos (plotagem), a numeração em sacos plásticos individuais, o preenchimento do diário de campo, os cuidados com os diferentes materiais, etc. Embora fosse uma atividade cansativa para crianças na faixa etária entre nove e doze anos, o resultado foi surpreendente, como veremos nos capítulos que seguem.

Nas trincheiras foram depositados materiais variados, representando as ocupações desde o período pré-histórico (lítico e cerâmica) até a cultura material que a sociedade contemporânea produz e descarta (latas de alumínio e plásticos). Também era nosso objetivo

⁴ Um foco na Arqueologia (1996), Missões: 10 anos de Pesquisa Arqueológica (1997), Missões em Perspectiva (1998), coordenação científica: Arno Alvarez Kern, direção de Fernanda Severo, Produção Roteiro e texto de André Luis Soares. Centro de Pesquisa da Imagem e do Som, Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, PUCRS.

demonstrar que o arqueólogo trabalha com a cultura material desde as sociedades mais antigas até as atuais.

Assim, foram depositados, para a escavação dos alunos, materiais líticos (diversos núcleos lascados de diferentes matérias-primas e respectivos artefatos), cerâmicos (vasos, potes, telhas e ladrilhos), plásticos (garrafas plásticas, disco de vinil) e metálicos (latas de alumínio). Ao mesmo tempo em que observavam o material “arqueológico”, evidências das sociedades pretéritas, os alunos construíam uma consciência sobre o que resiste (ou não) ao tempo, bem como aquilo que nossa sociedade descarta (objeto dos futuros arqueólogos).

Em cada quadrícula de um metro quadrado (1m^2) foram distribuídos seis alunos: quatro escavavam em um quarto de metro quadrado ($1/4\text{m}^2$), um aluno realizava a plotagem (inserção plani-altimétrica, através de coordenadas cartesianas) e outro aluno descrevia as atividades em um diário de campo. A cada período os membros das equipes se revezavam nas atividades, de forma que todos integrantes realizassem as três atividades propostas.

Para cada aluno foi solicitado que trouxessem seu próprio material de escavação: colher de pedreiro pequena, espátula, balde, prancheta, papel quadriculado, lápis, borracha, caneta, régua e sacos plásticos. (É interessante observar que, como os alunos já haviam assistido um vídeo sobre arqueologia, muitos deles fizeram questão de trazer luvas cirúrgicas para escavar, pois era mostrado este procedimento como correto).

Os professores coordenavam, escavavam, orientavam e auxiliavam nos procedimentos necessários, como numeração, confecção do diário, problematização do material escavado, cuidados para cada peça, etc. A cada novo objeto escavado era questionado o tipo de material, qual objeto seria, período histórico, entre outras. Desta forma, cada equipe era responsável por todos os procedimentos em sua quadrícula. O objetivo desta atividade era ampliar a cooperação e a solidariedade, ao invés da competição, natural para os alunos desta faixa etária. Como a continuidade da escavação dependia sempre das atividades dos colegas da plotagem e da elaboração do diário de campo, podemos dizer que o processo foi harmônico.

Qualquer atividade que envolve crianças deve seguir certos pressupostos, e, neste caso, não foi diferente. Aos professores coube lembrar aos alunos o momento de suspender as atividades por alguns instantes, fosse para tomar água ou para possibilitar os colegas de desenvolverem suas atividades. Também era necessário parar as atividades de todos (alunos e professores) em certos momentos para esclarecimentos gerais em relação a escavação, ao objetivo do trabalho (que não se resumia a recolher as peças) e relaxamento muscular. Este

item foi sumamente importante, pois a atividade desenrolava-se por quatro horas, das 13:30h às 17:30h. Assim, era importante que fossem realizadas paradas estratégicas para relaxamento e alongamento. No meio da atividade era realizada uma interrupção para os alunos realizarem os seus lanches, o que permitia aos professores avaliar o andamento do trabalho.

Após o material ter sido escavado (ou próximo ao final das atividades), as equipes lavaram o material recolhido e, nos mesmos grupos, identificaram as peças escavadas para, se possível, reconstituição dos artefatos. Esta etapa correspondia a atividade de laboratório, que seguia os mesmos princípios: lavagem das peças, numeração, separação por matéria-prima, análise dos artefatos e reconstituição dos usos e funções das peças.

Um último ponto deve ser salientado: somente através do envolvimento pessoal de cada um dos professores esta atividade foi possível. Os reverses neste tipo de atividade são sempre multiplicados, e, somente a título de exemplo, não havia recursos para compra dos objetos a serem colocados, o que exigia que os professores buscassem doações ou os adquirissem para que a atividade pudesse ser desenvolvida. Ademais, as atividades de escavação do local, preparação do sítio, reuniões e atividades com os alunos ocorreram em turno diferente das aulas, o que transformou esta atividade em ‘trabalho de equipe’, que possibilitou a autêntica interdisciplinaridade.

Assim, devo encerrar agradecendo a Direção da Escola Objetivo de Santa Maria, por ter possibilitado esta atividade; ao prof. Francisco Fajardo, sem o qual a verdadeira educação seria impossível; aos colegas, Rose, Goreti, Fausti, Everton e Andréa, pelo engajamento na preparação, acompanhamento e intermináveis reuniões que foram necessárias. Aos alunos que, aprendendo, nos ensinaram muito.

Bibliografia

- ARRUDA, Rinaldo. Levantamento A contribuição dos Estudos Antropológicos na Elaboração dos Relatórios de Impacto Sobre o Meio Ambiente. In. Caldarelli, S. (org.) **Atas do Simpósio Sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural**, Universidade Católica de Goiás, 1996. pgs. 138-144.
- ATAÍDES, Jézus Marco; MACHADO, Laís Aparecida; SOUZA, Marcos André Torres. **Cuidando do Patrimônio Cultural**. Goiânia, Ed. UCG, 1997.
- ITAQUI, José. **Educação Patrimonial. A Experiência da 4ª Colônia**. José Itaquí e María Angélica Villagrán. Santa Maria, Pallotti, 1998.
- JAPIASSU, Hilton. A questão da Interdisciplinaridade. **Paixão de Aprender**, Porto Alegre, Secretaria Municipal da Educação, 1994, pg. 48-54.

- LEMOS, Carlos. **O Que é Patrimônio Histórico**. São Paulo, Brasiliense, 5ª Edição, 1987.
- PILLES, Peter. Participação Popular e o Projeto Elden Pueblo. Floresta Nacional de Coconino, Arizona. In. **Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais** (2; 1993; Florianópolis). 2ª Ed. Rio de Janeiro, IPHAN, Depto. de Promoção, 1994.
- RIMA. **Relatório de Impacto Ambiental: Legislação, elaboração e resultados**. Organizado por Roberto VERDUM e Rosa Maria MEDEIROS. 3ª Ed. Ampliada. Porto Alegre, Ed. Universidade /UFRGS, 1995.
- SILVA, Osvaldo Paulino. O Levantamento Arqueológico de Sítios de Engenhos da Parte Sul da Ilha de Santa Catarina. **Anais da VIII Reunião Científica da SAB**. Org. Arno Kern, Porto Alegre, EdIPUCRS, 1996, vol. 2. Pgs.417-431.
- SOARES, André Luis R. (Org.) **Educação Patrimonial: Relatos e Experiências**. Santa Maria, Editora da UFSM, 2003, 120 p.